

Os Rapazes da Praia Adoro

Alberto Cortés e João Gabriel



Um novo projeto teatral do dramaturgo e encenador espanhol Alberto Cortés
em colaboração com o pintor português João Gabriel

Encomenda e produção
BoCA – Biennial of Contemporary Arts

2025

SINOPSE

O espetáculo “Os Rapazes da Praia Adoro” nasce de um convite conjunto da BoCA com o Teatro do Bairro Alto. Uma nova criação que propõe um diálogo singular entre dois artistas, um português e um espanhol, e entre dois campos artísticos, o teatro e a pintura.

Nas pinturas de João Gabriel vislumbravam-se fantasmas errantes nas praias. Nas peças do dramaturgo e encenador Alberto Cortés reconhecem-se palavras e corpos que se revelavam como paisagens. Deste encontro surge a visão de dois corpos masculinos, um português e outro espanhol, que se encontram numa praia a meio caminho entre Lisboa e Madrid, a uma distância precisa de 312,45 quilómetros de cada cidade. Essa praia, intitulada Praia Adoro, assume-se como uma odisseia, um buraco espaço-temporal e um paraíso queer.

Na Praia Adoro, estes dois corpos unem-se, fundindo-se na intimidade dos recantos naturais que oferecem os espaços de cruising. Unem-se para se reconhecerem, relacionando-se sexualmente num ato íntimo que procura saldar as dívidas pendentes entre dois países que vivem de costas um para o outro. Tomando como referência a intimidade presente no arquivo audiovisual do cinema pornográfico dos anos 70 e 80 que inspira as pinturas de João Gabriel, as palavras sobrepõem-se a esses corpos, imaginando outra forma de intimidade gay, também atravessada pela delicadeza e pela poesia. Supõem-se outras formas de entender o sexo entre homens, talvez como uma necessidade atual de que seja uma ação curativa. Porque assim o desejam.

FICHA ARTÍSTICA

Texto, encenação e interpretação: Alberto Cortés

Intervenções visuais: João Gabriel

Interpretação: Miguel Deblas, Saul Olarte (Madrid), Peter Arcanjo, Bruno Santos (Lisboa)

Composição e interpretação musical: Adriano Galante

Desenho e operação de luz: José Espigares

Direção de produção: José Maria Cortez (BoCA)

Comissão e produção: BoCA – Biennial of Contemporary Arts

Coprodução: Teatro do Bairro Alto (Lisboa), Teatro de La Abadía (Madrid)

Residências artísticas: Goethe-Institut Madrid, Teatro da Rainha (Caldas da Rainha)

Apoio: Acción Cultural Española (AC/E) - Programa para la Internacionalización de la Cultura Española (PICE)

Duração e classificação

45 min, M/16



BIOGRAFIAS

Alberto Cortés (ES)

Alberto Cortés nasceu em Málaga em 1983. Encenador, dramaturgo e intérprete das suas próprias criações, Alberto licenciou-se em Direção Teatral e Dramaturgia na ESAD de Málaga, assim como em História da Arte pela Universidade de Málaga.

O seu caminho para o teatro não foi movido pelo amor, mas pela procura de respostas a várias questões da sua juventude. Em 2009 iniciou o seu percurso teatral com uma dramaturgia periférica e inconformista que, ao longo do tempo, se foi tornando cada vez mais indomável na procura de uma liberdade que continua a escapar-lhe.

Desde então, não parou de se cruzar com criadores, mentores e amigos que inspiraram o seu percurso, produzindo obras em vários formatos e disciplinas, num esforço para manter a fé no intangível, no misterioso e no humano. O seu trabalho tem evoluído ao longo dos anos através do teatro, da dança, da performance e também das tradições populares, do flamenco e das criações site-specific. Colabora com outros criadores na encenação e dramaturgia e organiza workshops concebidos como encontros em que partilha as ideias e a investigação que informam a sua prática. A certa altura, a sua trajetória artística convergiu com a ideia de entender o palco como um espaço de desejo e explorar a ligação romântica entre o intérprete e o público.

Obras suas como *El ardor* (2021) e *One Night at the Golden Bar* (2022) foram amplamente apresentadas em diferentes teatros e festivais em Espanha, como Festival de Otoño (Madrid), Festival Dansa Valencia, Festival Ibero-americano de Cádiz, FIBA - Buenos Aires, Teatro Central de Sevilla, Centro Cultural Conde Duque, o Festival TNT, entre muitos outros. Se *One Night at the Golden Bar* foi selecionado como um dos 10 maiores espetáculos de Espanha em 2023, com a sua última produção, *Analphabet* (2024) em colaboração com a violinista Luz Prado, Alberto Cortés converteu-se num dos criadores mais destacados do panorama das artes cénicas contemporâneas do seu país.

“Penso que a vulnerabilidade pode ser uma arma que aproxima as pessoas, uma arma de comunhão e de comunidade, um espaço de não-força. Sempre nos disseram que o palco é um lugar de força, onde temos de mostrar que temos tudo planeado, que temos o controlo total das coisas que dizemos, que é um espaço de certeza. Foi deixado muito pouco espaço para mostrar a fragilidade em palco como uma arma”.
Alberto Cortés

“Não tenho outra forma de ser senão estar na luta: estarei sempre lá, é inevitável. Se o meu trabalho está profundamente ligado a mim e à minha própria pele, o aspeto queer vai inevitavelmente emergir e estar muito presente, ocupando um lugar central porque faz parte de quem eu sou. Portanto, vou fazer em palco aquilo que sou, e alguns vão ficar picados por isso, enquanto outros me vão encher de beijos, dependendo de quem estiver a ver. O que eu defendo, acima de tudo, é a utilização do palco como um espaço onde podemos ser quem queremos ser ou quem sentimos que somos.”
Alberto Cortés

João Gabriel (PT)

João Gabriel, nascido em 1992 em Leiria, Portugal, é um artista visual que vive e trabalha nas Caldas da Rainha. É conhecido pela sua prática artística profundamente experimental e narrativa e pela sua vibrante exploração de temas como a identidade, a paisagem e a estética queer, que aborda através da pintura e da instalação.

Frequentemente inspiradas no imaginário pornográfico gay pré SIDA dos anos 70, as pinturas de João lidam com o desejo, a perda e a nostalgia. Desinteressado dos ideais contemporâneos de masculinidade e das suas representações, João recorreu à pornografia gay vintage como fonte de material para abordar a forma masculina. A sua revisão quase obsessiva da era pré SIDA fala de uma noção de trauma herdado e de um desejo de questionar os limites da alegria, do medo e da sexualidade na cultura queer contemporânea.

La obra de Gabriel tem sido exposta amplamente em exposições individuais e coletivas na Europa, América do Norte e do Sul, e Ásia. Entre as exposições individuais mais destacadas encontram-se *I was looking at you and you couldn't see me* na O-Town House de Los Angeles (2023), *Almost Blue* no Kunstverein Braunschweig da Alemanha (2022) e *Nightfall* no Mind Set Art Center de Taipei (2021).

Para além do seu trabalho individual, Gabriel participou em numerosas exposições colectivas de prestígio, tais como ARCOmadrid (2023) com a sua galeria Lehmann+Silva, *Fantasma Gaiata: A Coleção da CGD* na Culturgest de Lisboa (2023), *Talking Games: The EDP Foundation Art Collection* na ARCOLisboa (2023), e *Rooms of Resonance* na Coleção Frédéric de Goldschmidt de Bruxelas (2023). Estas exposições mostram a sua capacidade para tecer narrativas inclusivas e diversas em diálogos mais amplos dentro da arte contemporânea.

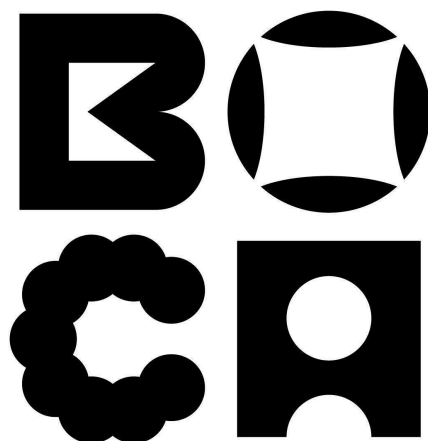
A obra de João Gabriel tem sido adquirida por importantes coleções públicas e privadas, como a Direção Geral do Património Cultural (Portugal), a Fundação EDP MAAT (Lisboa), a Fundação SUNPRIDE (Hong Kong) e a Coleção Frédéric de Goldschmidt (Bruxelas). Adicionalmente, criou o cartaz do filme *O Ornitólogo* (2016), do diretor de cinema português João Pedro Rodrigues.

Através do seu uso evocativo da forma, da cor e da narrativa, João Gabriel continua a desafiar os limites artísticos, criando obras que são simultaneamente profundamente pessoais e ressonantes com discursos globais sobre identidade, pertença e representação.

"Quero criar erotismo e retratar homens que participam em atividades românticas e sexuais. Gosto de retratar os momentos antes ou depois do sexo, momentos de erotismo, ternura e intimidade. Voltar aos tempos antes da SIDA, quando esse trauma ainda não existia, quando tudo era promissor e libertador. Acho que quero expressar a minha própria experiência, sexualidade e desejo. Em última análise, estou apenas a aprender a pintar enquanto me divirto».

" Pinto em simultâneo e, muitas vezes, trabalho a uma escala mais pequena, retrabalho, volto a colocar camadas e até crio pinturas como forma de resolver um tema inacabado encontrado num trabalho anterior. Com isto quero dizer que, muitas vezes, pinto sequencialmente o que pode parecer ser obras semelhantes. Não o faço para criar uma linha, mas sim um processo de pintura contínuo que pode criar uma obra inteiramente nova e independente com base numa imagem existente. Acho que quando trabalho em pequena escala tenho mais oportunidades para experimentar e resolver erros, por exemplo, corrigir uma pincelada que pode criar um efeito global. Quando trabalho em telas maiores, isto é mais exato porque tenho mais espaço e talvez menos hipóteses de o inesperado acontecer num processo de pintura. Posso criar até três quadros por dia, mas depois guardo-os durante algum tempo e volto a vê-los mais tarde. A maior parte das minhas obras acabadas são compostas por várias camadas diferentes, fazendo referência a várias imagens. Não crio uma linearidade nos meus quadros, uma vez que existem de forma independente e sucedem-se uns aos outros.».

João Gabriel



www.bocabienal.org

Contacto

Difusão

Inês Le Gué | jardin&cour

+351 928 158 327

ineslegue@jardincour.com